

Senhores Comissários
Directores Gerais do Ensino Superior dos países da União Europeia
Reitores e responsáveis por instituições e redes universitárias na Europa
Representantes de Fundações, de instituições de investigação, de estudantes
Minhas senhoras e meus senhores

Dois objectivos guiaram a presidência portuguesa na concepção deste Encontro europeu dedicado à modernização das Universidades.

O primeiro, contribuir para que a dinâmica de reforma das universidades na Europa se encontre, beneficie e estimule o processo de aceleração do desenvolvimento científico inscrito na agenda de Lisboa.

A presença dos dois Comissários Europeus, da Educação e da Investigação, é testemunho desta vontade de explorar as novas oportunidades de acção conjunta que se nos abrem.

O segundo objectivo, promover o encontro de responsáveis de instituições universitárias com responsáveis de outras instituições relevantes, assim como responsáveis políticos e administrativos ao nível da União Europeia, para a clarificação da diversidade de perspectivas e dinâmicas nacionais e institucionais à luz de objectivos que julgamos serem cada vez mais conjuntos à escala europeia.

Ambos estes objectivos encerram controvérsias e escolhas.

Ambos são objecto de movimentos de opinião que atravessam não apenas as universidades mas, cada vez mais, as sociedades e as instâncias de decisão política.

Este Encontro situa-se no terreno das escolhas políticas e da preparação das decisões políticas.

É organizado por iniciativa da Presidência portuguesa do Conselho da União Europeia e visa informar as propostas e o debate no Conselho de ministros da Investigação assim como no Conselho de ministros responsáveis pelo Ensino Superior da UE. Visa ainda preparar as propostas da Presidência para a Cimeira europeia de Dezembro. Mas tem ainda, como objectivo, contribuir para alargar a participação neste debate político fundamental e complexo porque cruza intimamente a reflexão sobre o futuro da sociedade e da economia.

Trata-se, naturalmente, de políticas nacionais, porque são nacionais (ou mesmo regionais, nalguns casos) as políticas universitárias na Europa. Mas o debate à escala europeia dessas políticas, dos seus instrumentos e objectivos, contribui não apenas para o seu desenvolvimento próprio, como para a criação de uma consciência comum de um processo europeu de modernização do tecido e das instituições universitárias, e para a convergência dessas políticas em grandes objectivos partilhados.

Importa clarificar controvérsias e opções políticas.

Como alargar a base social do ensino superior mas reforçar instituições de nível mundial capazes de atrair para a Europa recursos humanos excepcionais?

Como reforçar a autonomia das instituições mas orientar os sistemas universitários para objectivos mais exigentes de política pública?

Como articular instituições autónomas de investigação articuladas em redes internacionais com universidades nacionais? Teremos vantagens em desenvolver universidades públicas internacionais na Europa, como redes e parcerias internacionais ou como instituições localizadas?

E a integridade da instituição universitária, em que modelo melhor se desenvolve? Na universidade académica tradicional, que institucionaliza fora de si mesma as relações novas, com empresas, com a região, com instituições internacionais? Ou na universidade holding moderna, ela mesma constituída em rede de instituições de ensino, investigação, serviço, produção, cultura?

O mesmo se dirá do financiamento público das universidades na Europa, segundo o modelo anglo-saxónico de forte responsabilidade individual dos estudantes nos custos totais ou segundo o modelo “continental” de reduzida participação dos estudantes nos custos directos, suportados no essencial pelos contribuintes e pelas receitas próprias das instituições. Em cada um destes modelos diversos, a tendência parece ser contudo para aumentar significativamente o peso das receitas obtidas por via competitiva (mesmo que de origem pública) especialmente para investigação, em detrimento dos orçamentos históricos com origem no Estado, a par de uma expectativa de maior comando da hierarquia universitária pelos seus sectores científicos mais dinâmicos.

Como sempre, quando pretendemos clarificar com nitidez opções diversas, muito fica por dizer. Este é contudo apenas um momento desta clarificação e deste debate, que deve ser prosseguido e alargado.

Em Portugal, nos últimos dois anos, procedemos a uma importante reforma de todo o sistema de ensino superior, que contou com a experiência adquirida em grande número de outros países, da Europa e de outros continentes. Este debate colectivo à escala internacional é pois também parte integrante do debate nacional. O mesmo se passa, certamente, e de forma crescente, em cada um dos vossos países.

Em nome da presidência portuguesa do Conselho da União Europeia, quero agradecer-vos esta oportunidade de reflexão.

Estão connosco alguns dos mais importantes protagonistas, em representação institucional ou a título pessoal, da reflexão sobre a modernização das universidades na Europa. Os vossos contributos serão atentamente ouvidos e devidamente ponderados no processo de formação das orientações políticas que a Europa hoje procura consolidar e fazer avançar.

José Mariano Gago
Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
Lisboa, 6 de Novembro de 2007